

O MEMORIAL DE FORMAÇÃO: NOTAS SOBRE ESTILO DE UM GÊNERO DISCURSIVO¹

Leidiane Santos DOURADO²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

leidianedourados@hotmail.com

Resumo: Referenciando-se na teoria dialógica da linguagem, com recorte para a apreensão do estilo do gênero memorial, este estudo objetiva investigar qual o potencial do memorial de formação docente nesse processo e ao mesmo tempo revelar as marcas discursivas do estilo do gênero. Para tanto, tomamos como *corpus* quatro memoriais produzidos por alunas/professoras em exercício do Curso de Licenciatura em Pedagogia Ensino Fundamental/ Séries iniciais da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Irecê (FACED/UFBA/IRECÊ), entre os anos de 2008 e 2011, para analisá-los a partir das contribuições da teoria dos gêneros do discurso filiada em Bakhtin (2011) e aplicada por Ribeiro (2008) e Souza (2009) para ratificar a proposição do memorial como um gênero do discurso. Analisamos discursivamente o gênero memorial como um espaço interacional em que os professores em formação continuada dos cursos de Licenciatura em Pedagogia expressam seus objetivos, expectativas, indignações, emoções, reflexões acerca da prática de sala de aula e suas memórias, desde criança até a fase adulta, procurando mapear os elementos constitutivos do gênero memorial. A partir dessa análise, verificou-se que o memorial, como um gênero formativo, possibilita a exposição de saberes sobre a docência de professores em formação continuada.

Palavras-chave: Estilo; Gêneros do discurso; Memorial de formação.

1. Introdução

As reflexões sobre a profissão docente têm assumido um significado especial quanto ao papel de gêneros discursivos nos processos de formação de professores, principalmente de língua materna. A escrita e registro de memoriais de formação é uma das atividades propostas aos professores em formação inicial como continuada. Dessa forma, a elaboração de memoriais tem sido estimulada como estratégia de pesquisa para o campo da formação docente e do trabalho com a escrita. Referenciando-se na teoria dialógica da linguagem, sobretudo no conceito de gêneros do discurso de Mikhail Bakhtin, este artigo volta-se para investigar qual o potencial do gênero discursivo memorial de formação docente nesse processo.

Para a realização deste trabalho, foram tomados como objeto de investigação quatro memoriais produzidos por alunas/professoras em exercício do Curso de Licenciatura em Pedagogia Ensino Fundamental/ Séries iniciais da Faculdade de Educação da Universidade

¹ Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, financiada pela CAPES e orientada pela Prof.^a Dr.^a Ester Maria de Figueiredo Souza.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens.

Federal da Bahia em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Irecê (FACED/UFBA/IRECÊ), entre os anos de 2008 e 2011. A análise procedeu quanto às marcas de estilo do gênero discursivo memorial de formação a partir das contribuições da teoria dos gêneros do discurso filiada em Bakhtin (2011) e aplicada por Ribeiro (2008) e Souza (2009) para ratificar a proposição do memorial como um gênero do discurso.

O artigo possui a seguinte forma composicional: inicialmente faremos uma explanação breve dos debates sobre a formação de professores de língua materna, referenciando em autores como, (KLEIMAN, 2008; MATENCIO, 2001; SOUZA, 2011; COELHO, 2011 FREIRE, 1996). Em seguida, procuramos definir o memorial de formação e caracterizá-lo como um gênero do discurso, conforme propõe Bakhtin (2011) em relação aos gêneros do discurso e finalmente, apresentamos as marcas de estilo do gênero em questão, referenciando na teoria dialógica da linguagem, do Círculo de Bakhtin, visto que as contribuições do Círculo para a pesquisa sobre gêneros do discurso consideram o estilo como implicado ao gênero e dependente de uma determinada concepção de enunciado. O memorial, objeto de nossa investigação, é concebido como uma enunciação linguística e carrega marcas de uma produção discursiva de caráter social, e o produto dessa interação social é o enunciado, aqui materializado e exemplificado como memorial de formação.

Discutiremos a formação docente para situar nosso objeto de investigação, enfatizando a formação continuada, uma vez que os autores dos memoriais de formação são professores já em exercício na rede pública de ensino, estudantes de curso presencial de licenciatura em pedagogia, ofertada em programa especial, mediante convênio entre o município e a universidade. Produzido nos contextos de ensino e aprendizagem, e como produto de trocas interacionais o enunciado memorial de formação está ligado a uma situação material concreta – trabalho de conclusão de curso de licenciatura - e também a um contexto mais amplo que constitui o registro em narrativa pessoal das experiências docentes de formar-se professora como recorte de um conjunto das condições de vida de um grupo social: professores em curso.

2. Formação docente

A formação de professores para as escolas de ensino fundamental e médio na sociedade contemporânea, principalmente professores de língua materna, tem sido uma preocupação para muitos pesquisadores. Muitos esforços têm sido nessa direção empreendidos (cf. KLEIMAN, 2008; MATENCIO, 2001; SOUZA, 2011; COELHO, 2011).

De acordo com Alvarado Prada (1997) *apud* Maia (s/d, p. 02), a formação de docentes apresenta etapas distintas: chama-se inicial, aquele processo que tem início na graduação, quando o licenciando escolhe a área na qual gostaria de atuar. Findada a graduação, se a pensamos a formação docente como processo, a formação não está encerrada, o que aconteceu na verdade, foi apenas a concretização da primeira de uma série de etapas que devem marcar a trajetória do profissional que atua na educação.

A formação continuada, portanto, estabelece-se por meio de atividades de extensão, que incluem cursos de especialização e ou cursos de curta duração oferecidos por políticas públicas estaduais e municipais. Ainda, há os cursos de mestrado e doutorado, ambos de

longa duração, em que o professor-pesquisador aprofunda seus estudos em relação a um objeto escolhido.

A formação inicial e continuada, de acordo com Freire (1996), deve apoiar-se em uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, realizando um processo constante de auto-avaliação. O eixo fundamental é o desenvolvimento de instrumentos intelectuais para facilitar as capacidades reflexivas sobre a prática docente. O objetivo da formação deve ser o de criar profissionais reflexivos ou investigadores, sendo que o contato com a prática enriquece o professor. Assim, é necessário que o professor pense, analise, discuta sua prática cotidiana e interiorize a situação de incerteza e complexidade, é importante que se torne um professor pesquisador da própria prática, como defende Freire:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. (FREIRE, 1996, p. 39)

Kleiman (2001, p. 63), sobre a formação de professores, expõe a necessidade de mudanças que devem se fundar na análise das práticas de letramento no local do trabalho, pautando-se nas exigências de comunicação na sala de aula. Sobre isso também problematiza Matencio (2001, p. 206) quando salienta que essa formação, em diferentes áreas, parece “passar por um momento que impulsionará grandes mudanças, já que o mercado tem demandado um profissional que conheça tecnicamente sua área e saiba aprender para ensinar e ensinar para aprender”.

Ainda acerca da formação de professores, Coelho e Souza (2012b, p.1-2) salientam que

a sala de aula, portanto, como um microcosmos da sociedade, reenquadra a docência como um exercício dialógico que exige ser pensado e analisado no interior de uma teia de discursos relacionados à escola e de lugares discursivizados como, por exemplo, o de professor formador (pesquisador do ensino), o de professor em formação inicial (licenciandos), o de professor recém graduado e o de professor de notória experiência (muitas vezes às vésperas de se aposentar). Independentemente do tempo em que se está exercendo a função sociointeracional de professor, o que precisa ser focalizado é o estar em exercício. Afinal não é a toa que falamos em reconstrução, reconfiguração e realinhamentos identitários.(COELHO; SOUZA, 2012b, p.1-2).

Já quanto a discursos acerca da formação de professores em torno da concepção de um profissional reflexivo e pesquisador, a escrita e o registro de memoriais de formação é uma das atividades propostas aos professores em formação inicial como continuada. Cabe-nos agora, uma breve exposição do que se trata esse gênero discursivo memorial de formação.

3. O memorial de formação

O memorial, como um gênero formativo, possibilita que os protagonistas da escrita, os professores em formação inicial ou continuada, registram suas trajetórias de vida e seus percursos de formação, e ao mesmo tempo, façam uma reflexão e autorreflexão acerca das mesmas. Sobre o memorial de formação Gaspar, Araújo e Passeggi (2011) expõe que:

O memorial é um tipo de escrita de si, uma narrativa descritiva e reflexiva sobre uma trajetória de vida e de formação. A grande riqueza da experiência do memorial é compreendida quando o rememorar dos eventos constrói pontes com o presente, criando insights que vão dar lugar a verdadeiras aprendizagens. (GASPAR; ARAÚJO; PASSEGGI, 2011, p.03)

Segundo Prado e Soligo, (2005) e Sartori (2008) o memorial de formação é um gênero discursivo predominantemente narrativo, uma vez que os sujeitos contam a partir da escrita, sua formação profissional e ainda, quando necessário, sua formação como ser humano. Embora predomine o discurso narrativo, o memorial de formação comporta dois outros tipos de discurso, o descritivo e o argumentativo. Na escrita do memorial de formação, o autor exerce funções diferentes: autor/ escritor/ personagem-protagonista.

Como se trata de um memorial de formação há um conteúdo específico a ser tratado: nossa formação e momentos da nossa vida que, de alguma forma, estão relacionados com nossa formação. É interessante que o sujeito traga pra a escrita do memorial reflexões que surgiram a partir do curso do qual participa ou participou e as mudanças decorrentes disso. Sobre isso, Prado e Soligo (2005) pondera:

Sendo o memorial **de formação**, já se tem aí, ao mesmo tempo uma explicitação e um fator limitante: o conteúdo, de modo geral, é nossa formação, mais nossas experiências e partes da história de vida que se relacionam com essas duas dimensões. Mesmo que se opte por um texto mais livre, ainda assim estará referenciado no fato de que trata-se de **um memorial** que é **de formação**. (PRADO; SOLIGO, 2005, p.08)

Esse gênero discursivo memorial de formação parece ganhar relevância quando escrito por professores em formação continuada, como é o caso dos memoriais de formação que analisamos neste trabalho. Como são profissionais em exercício espera-se que tratam do curso do qual participam ou participaram e da prática profissional. Assim há uma confluência de conhecimentos advindo da prática e do curso de formação e quais as implicações desses conhecimentos para possíveis transformações na atuação profissional. “Assim, trata-se de um texto reflexivo de crítica e autocrítica.” (PRADO; SOLIGO, 2005, p.08)

Mas, nem sempre, os memoriais de formação são produzidos por professores em formação continuada. Em alguns casos, alunos em formação inicial que estão fazendo estágio ou participam de algum projeto dentro da universidade escrevem memoriais de formação. Em relação a essa discussão, (PRADO; SOLIGO, 2005, p.08) salientam que “quando os autores são apenas estudantes, o que se coloca como referência principal é a condição de estudante e a reflexão sobre a prática inevitavelmente é de outra natureza, uma vez que ainda não ingressaram na profissão.”

4. O memorial de formação e o curso de pedagogia da UFBA

A escrita e entrega de um memorial de formação era um dos requisitos para a obtenção do diploma de graduação em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), mais especificamente (Curso de Licenciatura em Pedagogia Ensino Fundamental/ Séries iniciais da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Irecê - FACED/UFBA/IRECÊ).

O Programa de Formação Continuada de Professores para o Município de Irecê é um programa que surgiu da demanda - por formação de professores existente no Município - formalmente encaminhada à FACED, em novembro de 2001.

Este programa visa a integrar, em rede, tecnológica ou não, diferentes projetos que irão incrementar, em diversas vertentes, o processo de formação dos professores, disponibilizando-lhes uma estrutura pedagógica comunicacional e administrativa interativa e flexível. Pretende, ainda se constituir em um processo de intervenção profunda e coletiva nas práticas cotidianas desses professores, no interior de cada escola, em cada comunidade circunvizinha à escola e no município como um todo, ao tempo em que promove a formação em nível superior dos professores em exercício da rede municipal de ensino do Município de Irecê/Bahia. O Programa constitui-se, então, de diversas vertentes interdependentes que articulam a educação, a cultura, a comunicação, a saúde, o ambiente, a arquitetura e o urbanismo, entre tantas outras áreas. (UBBA/FACED, 2013)

Os projetos integrados pelo programa são: Projeto de Formação em Nível Superior dos Professores de Irecê/Bahia, Projeto Bibliotecas Virtuais, Projeto Ciberparques, Projeto Centro de Cultura e Comunicação, Projeto de Formação em Gestão Escolar, Projeto de Reestruturação das Edificações, Projeto de atualização de Professores. O primeiro projeto intitulado Projeto de Formação em Nível Superior dos Professores de Irecê é parte de um Programa Especial de Graduação em nível superior da FACED/UFBA com cursos semipresenciais, para graduar professores de municípios do Estado da Bahia. O curso foi dividido em ciclos com a duração de um semestre letivo. A cada ciclo foi oferecido um rol diversificado de atividades curriculares. Essas atividades ocorreram de forma: presenciais, semipresenciais e a distância. Estão divididas em três grandes grupos:

Atividades teórico-práticas - são atividades curriculares de natureza variada (detalhadas na lista a seguir) nas quais serão veiculados, através das mais diversas linguagens, os conteúdos/formas considerados, durante a elaboração e/ou execução do Projeto, como referências imprescindíveis na formação dos professores/cursistas.

Atividades em exercício - são atividades relacionadas à prática docente do professor-cursista, incluindo reflexões sobre a prática cotidiana e reformulações teórico/práticas a partir dessas reflexões, sempre, com diretrizes traçadas, localmente, pelo professor-cursista e sua equipe de orientação.

Atividades de registro e produção - são atividades curriculares, realizadas individualmente ou em co-autoria, nas quais o professor-cursista elaborará produções textuais diversas. (UFBA/FACED, 2013)

As atividades de registro de produção abarcam: o memorial, diário do ciclo e produtos textuais diversos. A escrita do memorial seria uma descrição, crítico-reflexiva, da trajetória pessoal, de formação acadêmica e profissional do professor-cursista, sua situação atual e suas perspectivas futuras em relação ao Projeto de Formação. É uma concepção que corrobora com a definição de memorial de formação de acordo com os autores estudados, Passeggi (2011), Sartori (2008) e Prado e Soligo (2005).

Os memoriais analisados neste trabalho foram produzidos entre os anos de 2008 e 2011, versão final. A partir dessa contextualização, procuramos discutir o memorial como um gênero do discurso, tentando extrair suas marcas de estilo.

5. O memorial de formação como um gênero do discurso

Consideramos o Memorial de Formação como um gênero do discurso, tomando como parâmetro os estudos de Bakhtin (2011). Esse estudioso russo descreve os gêneros do discurso como sendo “tipos relativamente estáveis de enunciados”. (BAKHTIN, 2011, p.262). O autor afirma que só nos comunicamos, falamos e escrevemos, através de gêneros do discurso. Dessa forma, segundo o autor, os sujeitos têm um infinito repertório de gêneros e, muitas vezes, nem se dão conta disso. Até na conversa mais informal, o discurso é moldado pelo gênero em uso. Tais gêneros nos são dados, de acordo com Bakhtin (2003, p.282), “quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática”.

Os gêneros do discurso são divididos em dois grandes grupos, segundo Bakhtin (2011): os gêneros primários ou simples e secundários ou complexos. Os gêneros primários surgem nas situações cotidianas, informais e menos elaboradas. Por outro lado, os gêneros secundários surgem em situações comunicativas mais elaboradas e complexas da vida social, como afirma Bakhtin (2011, p. 263)

(...) Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. (BAKHTIN, 2011, p. 263)

Bakhtin (2011) estabelece três elementos que constitui um gênero do discurso: o conteúdo temático, o estilo e a forma composicional. Esses três elementos “estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (BAKHTIN, 2011, p. 262)

Segundo Bakhtin (2010), “(...) tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. (...)” (p. 133). Dessa forma, para chegarmos

ao tema de um enunciado, é necessário levarmos em conta, não somente os recursos lexicais, mas também, os aspectos sócio-históricos e a “entoação expressiva” que vestem tal enunciado. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, capítulo 7, Bakhtin ao analisar a utilização de um único substantivo por seis operários diferentes no Diário de um Escritor, de Dostoiévski, percebe que cada uma das enunciações dos seis operários tinha um tema único. Nas palavras do autor:

As seis falas dos operários são todas diferentes, apesar do fato de todos consistirem de uma mesma e única palavra. Essa palavra, de fato, só constitui um suporte da entoação. A conversa é conduzida por meio de entoações que exprimem as apreciações dos interlocutores. Essas apreciações, assim como as entoações correspondentes, são inteiramente determinadas pela situação social imediata em cujo quadro se desenvolve a conversa; (...) (BAKHTIN, 2010, p.139)

Quanto ao estilo, Bakhtin o define como “(...) os recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua (...)” (BAKHTIN, 2011, p.261). Assim, ao analisarmos um enunciado, percebemos algumas marcas que lhe são próprias e que dependem do próprio gênero. Dessa forma, Bakhtin (2011) aborda o elemento *estilo sob dois prismas: o estilo individual e o estilo de gênero*. O estilo individual se configura como a posição enunciativa do sujeito e como as escolhas típicas do sujeito na construção da enunciação e o estilo do gênero “(...) figura como a convergência dos usos linguísticos, textuais e discursivos reiterados em um dado contexto enunciativo.” (RIBEIRO, 2008, p. 39-40). O estilo individual, segundo Bakhtin (2011), pode aparecer em todos os enunciados, mas existem aqueles mais propícios e outros menos propícios para refletir a singularidade do falante, pondera o autor:

Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva (...) – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Os gêneros mais favoráveis da literatura de ficção: aqui o estilo individual integra diretamente o próprio edifício do enunciado, é um de seus objetivos principais (contudo, no âmbito da literatura de ficção os diferentes gêneros são diferentes possibilidades para a expressão da individualidade da linguagem através de diferentes aspectos da individualidade). As condições menos propícias para o reflexo da individualidade na linguagem estão presentes naqueles gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, por exemplo, em muitas modalidades de documento oficiais, de ordens militares, nos sinais verbalizados da produção, etc.(...) (BAKHTIN, 2011, p.265)

O estilo, segundo Bakhtin (2011), é também determinado pela relação existente entre o falante e o ouvinte. Ao enunciar algo, o falante deve levar em conta o seu ouvinte, ou seja, qual poderá ser a sua compreensão responsiva em relação àquele enunciado. Segundo Brait (2005)

(...) o estilo também depende do tipo de relação existente entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal, ou seja, o ouvinte, o leitor, o interlocutor próximo e o imaginado (o real e o presumido), o discurso do outro, etc. Mesmo no caso dos gêneros altamente estratificados, sua

diversidade deve-se ao fato de eles variarem conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal dos parceiros. Se por um lado há o estilo elevado, estritamente oficial, há também o estilo familiar que comporta vários graus de familiaridade e de intimidade. (BRAIT, 2005, p.89)

A forma composicional cumpre a função de integrar, de sustentar e de ordenar as propriedades do gênero. Ela consiste na arquitetura que conferirá ao gênero a possibilidade de identificá-lo em face de outros gêneros. (RIBEIRO, 2008, p. 41). Podemos pensar, então, que as formas composicionais são modos de compor e realizar um enunciado.

O vínculo entre estilo e gênero é orgânico, dependente dos enunciados, ou do enunciado constitutivo do gênero. Afirmamos também que o gênero é dependente de sua esfera de ocorrência e realização discursiva.

Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.). O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado [...] [O estudo do estilo] sempre deve partir do fato de que os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero e deve basear-se no estudo prévio dos gêneros em sua diversidade. (BAKHTIN, 2011, p.284).

Após apresentadas as conceituações acima, consideramos o memorial de formação como um gênero do discurso secundário ou complexo, pois ele é produzido e utilizado em situações da vida social mais formais, mais complexas e mais elaboradas, isto é, a esfera de circulação e produção do memorial de formação é a esfera acadêmica. Como um gênero do discurso, o memorial de formação apresenta tema, forma composicional e estilo. Desse modo, no tópico seguinte, buscamos extrair as marcas de estilo do gênero discursivo memorial de formação.

6. Estilo do gênero do discurso memorial de formação

Na primeira análise que fizemos dos memoriais de formação escritos pelas professoras/alunas do curso de Pedagogia da UFBA, percebemos a utilização da primeira pessoa do singular em seus textos como uma marca de estilo desse gênero discursivo. Isso deve-se ao fato de ser uma escrita em que as professoras/alunas devem registrar suas trajetórias de vida, seu percurso profissional e formativo, fazendo movimentos de reflexão e

autorreflexão. Vejamos alguns trechos dos memoriais de formação em que aparecem essa pessoa verbal, principalmente quando as professoras/alunas narram suas trajetórias de vida:

Com muita saudade lembro-me da infância, época importante da minha vida. Tudo parecia tão simples, e ao mesmo tempo difícil, enfrentei muitas dificuldades junto a minha família. Mas não posso esquecer as brincadeiras, os cheiros e aromas que bem lembram este período, a exemplo da terra molhada, o cheiro da chuva, as coisas boas que fizeram parte da minha infância. (N O S, 2011, p.07)

Vivia muito presa, sentia-me como um pássaro na gaiola, sem liberdade para voar. Minha vida se resumia à escola e casa. Na maioria das vezes, brincava sozinha. Chorava às escondidas, sentia saudade de casa, dos meus pais e dos meus irmãos. Um dia recebi a visita da minha mãe e dos meus irmãos, então, resolvi voltar, deixando minha dinda muito triste. (...) (M A S, 2011, p.19)

Como vimos anteriormente, o memorial de formação é um gênero discursivo em que, as professoras/ alunas registram, a partir da escrita reflexiva e autorreflexiva, aspectos de sua formação profissional entremeada com as vivências e experiências da vida cotidiana, em seus diferentes estágios de acontecimentos. Dessa forma, as professoras/alunas não escrevem tudo que consideram convenientes, mas registram memórias que, de alguma forma, fazem parte de seus percursos profissional e formativo, isso se configura como uma exigência do gênero em questão. Essa consideração corrobora com Bakhtin (2011), quando diz que o estilo depende fundamentalmente do gênero. Em alguns trechos da escrita dos memoriais, isso fica explícito:

Este memorial é um trabalho de final do curso de pedagogia proposto pela faculdade de educação Ufba/Irecê. Nele abordo a trajetória de minha formação pessoal, profissional, intelectual e da minha prática docente. A escrita deste texto me proporcionou lembrar coisas passadas tanto nos bons quanto nos momentos ruins que antes pareciam estar esquecidas, selecionei minhas memórias para expor neste texto o que considero relevante para minha vida profissional e pessoal, assim escrevo um pouco sobre minha infância, minha família e desafio que foi a minha formação/educação. (...) (N O S, 2011, p.6)

Outro fator que fazia com que a minha escrita travasse era na hora de fazer a seleção do que era importante estar nos diários, quais de fato foram as experiências mais relevantes, já que considero toda a aprendizagem obtida importante, neste ponto, surgem os momentos nas aulas de orientação com Fabrizia que dava suporte para que saísse dos impasses, com as intervenções feitas durante as idas e vindas dos nossos escritos, o que muito me ajudou. (M R O P R, 2011, p.45)

Segundo Bakhtin (2011), o estilo é determinado pela relação que o sujeito-enunciador possui com seu interlocutor, ou seja, “(...) matizes mais sutis do estilo são determinados pela índole e pelo grau de proximidade pessoal do destinatário em relação ao falante nos diversos gêneros familiares de discurso, por um lado, e íntimos, por outro.” (BAKHTIN, 2011, p. 303). O autor afirma que tanto um estilo mais familiar quanto um estilo íntimo percebem o interlocutor “em maior ou menor grau fora do âmbito da

hierarquia social e das convenções sociais, por assim dizer, ‘sem classes’” (BAKHTIN, 2011, p, 303). Aqui o interlocutor das professoras/alunas são seus respectivos orientadores, são eles que avaliam e tem uma atitude responsiva em relação ao enunciado de seus orientandos. Então, são eles quem decidem o que e como deverá ser registrado no memorial de formação. Eles decidem se a instituição UFBA poderá conferir o grau de licenciado às professoras/alunas.

Sentia-me encasulada, já que de início escrevia tudo que julgava conveniente, sem na maioria das vezes fazer o entrelaçamento das ideias, ou seja, escrevia para dar conta de tudo que era solicitado, jogava citações, podia até dizer do que eu queria, mesmo não havendo articulação com a ideia do autor e o que eu pretendia dizer mais à frente. Neste ponto pelo menos já consegui colocar palavras de outros autores na minha escrita mesmo sem fazer uma reflexão sobre as mesmas. (M R O P R, 2011, p. 44)

Esses próprios registros também possibilitaram aos professores da UFBA fazer intervenções via parecer, não só na minha escrita, mas também na forma como organizava meu diário, a exemplo o diário de ciclo um, no qual Inêz percebeu que além de apresentar dificuldade da escrita eu ainda não sabia manusear imagens. (M R O P R, 2011, p. 46)

Outra marca de estilo do gênero memorial de formação é a presença da palavra alheia. Como afirma Bakhtin (2011), a palavra se apresenta em três categorias para o falante: como palavra neutra, como palavra alheia e como palavra minha. O autor explica essas categorias da seguinte forma:

(...) pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. (...) (BAKHTIN, 2011, p.294)

Nos memoriais de formação, percebemos que as professoras/alunas ao registrarem seus percursos formativo e profissional, utilizam da palavra alheia para dar sustentação e solidez ao seu discurso. Elas fazem uso da palavra autoritária advinda da esfera acadêmica. Essa palavra autoritária é a palavra acadêmica, religiosa, jornalística, científica, a palavra do professor, do escritor, do padre, do pai, dos professores. São palavras revestidas de autoridade e dessa forma, devem ser citadas para legitimação dos nossos enunciados. Vejamos alguns excertos dos memoriais de formação em que aparece essa palavra alheia:

Para aprender é preciso que se tenha um ambiente favorável, onde predomine boas relações entre alunos, professores e comunidade em geral, num clima de aceitação e respeito mútuo, ‘é necessário compartilhar uma linguagem comum entender-se, estabelecer canais fluentes de comunicação e poder intervir quando estes canais não funcionem’ (ZABALLA, 1998, p.101). É nessa perspectiva que tento levar o ensino até os alunos, intervindo para os mesmos despertem suas potencialidades. (E R N R, 2011, p.29)

Esse curso nos tirou da zona de conforto, pois como professora em sala de aula, tinha certeza do que deveria ser feito, mas senti, naquele momento, uma desconstrução de conhecimentos diante do novo contexto que o curso trouxe. O Avante me deu suporte para minha prática pedagógica. Diante deste contexto, observei a necessidade de refletir e ressignificar minha atuação pedagógica constantemente, pois, segundo Paulo Freire (1996, p. 25), 'ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção.' (M A S, 2011, p.28)

Então, nessa primeira análise, o que conseguimos depreender como marca de estilo do gênero discursivo memorial de formação foi o uso da primeira pessoa do singular, principalmente quando as professoras/alunas registram suas trajetórias de vida e a utilização da palavra alheia como forma de dar sustentação e legitimação aos seus discursos.

7. Considerações finais

Mesmo abordando a globalidade do Gênero memorial de formação podemos indicar que esse é um gênero polifônico e encadeado com outros gêneros, visto a natureza verbo-visual apresentada pelos autores. Foi constatada inclusão de fotos e desenhos acompanhados de legendas que referenciavam parte do texto narrativo do memorial. Afirmamos, assim, o memorial como um gênero híbrido, intercalado por outros gêneros e coconstitutivo.

A escrita do gênero memorial de formação propiciou ao professor, estudante do curso, a possibilidade discursiva para o exercício da escrita narrativa com o uso de diferentes gêneros do discurso que circulam socialmente no espaço escolar, na esfera acadêmica de formação de professores, apresentando-se o cânone do gênero e ao mesmo tempo possibilidades de (des) construção desse cânone para atender a necessidades do sujeito/professor autor/escritor do gênero em uma atividade de ensino.

Aferíamos, assim, o estilo do gênero que é coletivo distinguindo-o do estilo individual eivado da subjetividade e opções do autor, singularidades do autor por elementos que compõem a dinâmica própria do plano de escrita da narrativa e de trabalho com a linguagem em situação de produção escrita escolar, pois é na prática da escrita que o estilo do genérico tensiona com o estilo individual do estudante professor, quando esse se defronta com a necessidade de cumprimento de uma atividade didática, no nosso caso, a escrita do memorial de formação, por meio de escolhas de organização textual, de opção de uso de imagens e gráficos, pela seleção dos recursos linguísticos a fim de dotar de expressividade e unidade temática o gênero produzido.

Referências

ARAÚJO, Maria de Fátima; GASPAR, Mônica Maria Gadêlha de Souza; PASSEGI, Maria da Conceição. Memorial – Gênero textual (Auto) biográfico *in*: **ANAIS do VI SIGET** –

Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, Agosto 2011, UFRN, 2011. ISBN 978-85-7273-796-8

BAKHTIN, Mikhail (Volochínov) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, 14º Ed. Tradução de Michel Lahud e Iara Frateschi, São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRAIT, Beth. (Org.) Bakhtin: conceitos- chave. São Paulo: Contexto, 2005.

COELHO, Fernanda de Castro Batista. **A construção identitária e(m) comportamentos na sala de aula**: o agenciamento da palavra em dois grupos: um alemão e um brasileiro. 2011. 266f. Tese (Doutorado em Linguística e em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas

COELHO, Fernanda de Castro Batista; SOUZA, Ester Maria Figueiredo. Contrapontos entre linguagem e educação: a docência como objeto de discurso. (2012b). In: **Anais II SEMFEX – Seminário sobre Formação de Professores em Exercício. Formação de professores em exercício: cenários contemporâneos**, setembro 2012, Volume 1, Número 1, UFBA, 2012. ISSN 2316-3399. CD-ROM.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: paz e terra, 1996, Belo Horizonte.

KLEIMAN, Ângela Bustos (Org.). **A formação do professor**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

KLEIMAN, Angela Bustos. A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. p. 267-302.

KLEIMAN, Angela B. (orgs). **Letramentos múltiplos**: agentes, práticas, representações. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2008.

MAIA, Regina das Dores. **A importância da pesquisa na formação de professores**. Disponível em meio eletrônico no endereço: OK<www.uftn.edu.br/upload/ensino/AV/posgraduacao>, acesso em Outubro 2012.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Estudo da língua falada e aula de língua materna**: uma abordagem processual da interação professor/alunos. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. 256p.

PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação.... In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões, superações. Campinas, SP: Graf, 2005.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. **O discurso docente (re) velado no gênero memorial**. Belo Horizonte, 2008. 288f. : Il. Tese (Doutorado)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SARTORI, Adriane Teresinha. Os professores e sua escrita: o gênero discursivo “memorial de formação”. Campinas, SP: [s.n.], 2008. Tese (Doutorado)

SARTORI, Adriane Teresinha. **O memorial de formação e a graduação de (futuros) professores**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 15, n.28, p. 267-284, 1º sem. 2011.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. A aula de português como instância de produção e circulação de conhecimentos lingüísticos e não lingüísticos. In SOUZA, E. M. F.; CRUZ, G. F. **Linguagem e ensino: elementos para reflexão nas aulas de língua inglesa e língua portuguesa**. Vitória da Conquista, BA: Editora UESB, 2009.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. **Linguagem, currículo e formação docente**. Edições UESB, 2011, 130p.

UFBA/FACED. Disponível em meio eletrônico no endereço:

<<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/UFBAIrece/WebPrograma>> acesso em Novembro de 2013